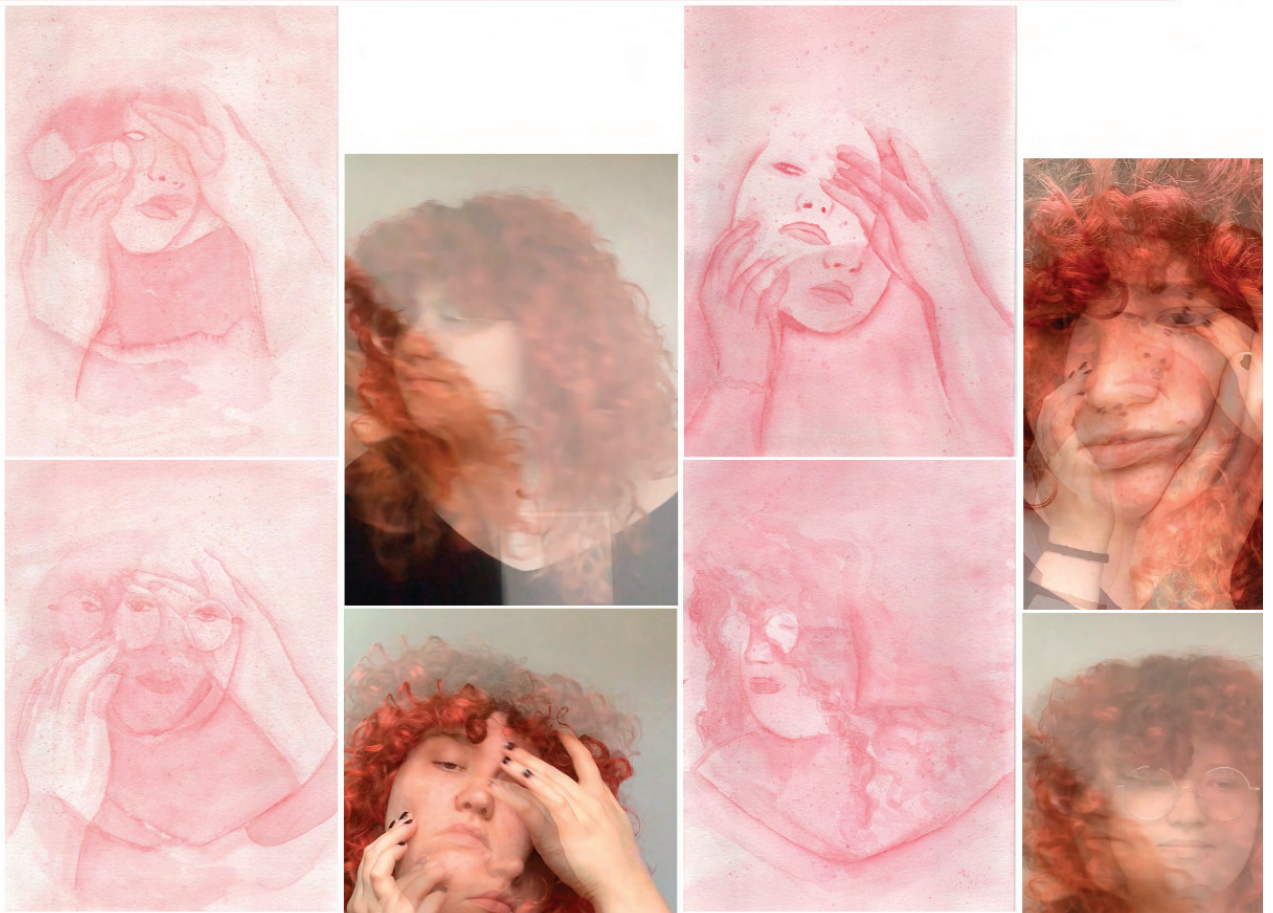




# Desconforto de si:

O AUTORRETRATO COMO EMPODERAMENTO  
NA ARTE CONTEMPORÂNEA.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES  
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

Isadora Pogozelski Oliveira

**Desconforto de si: o autorretrato como empoderamento na arte contemporânea.**

Rio Grande  
2023

Isadora Pogozeleski Oliveira

**Desconforto de si: o autorretrato como empoderamento na arte contemporânea.**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiane Pianowski.

Rio Grande  
2023

## **Dedicatória**

Dedico a todos aqueles que em algum momento se sentiram desconfortáveis por pressão de padrões inalcançáveis.

## **Agradecimentos**

Agradeço aos meus amigos que me incentivaram e apoiaram nos momentos difíceis e me distraíam quando o estresse era demais, sobretudo a Giovanna de Lima Triacca que acompanhou essa trajetória acadêmica desde o começo.

A Prof. Dr. Fabiane Pianowski, orientadora desta pesquisa, pela atenção e zelo dedicado à orientação.

*[...] quando vemos um autorretrato de um artista vemos como ele se constrói (ou desconstrói) diante dos olhos dos outros e dele mesmo. (Melo, 2022, p. 19)*

## **RESUMO**

O presente Trabalho de Conclusão de Curso aborda a busca de autoconhecimento por meio da criação de autorretratos, tanto na fotografia como na pintura, que gerou “Desconforto de Si” uma série de trabalhos que versam o desconforto das perspectivas dos outros sobre si e o autoconhecimento que levou ao empoderamento da própria imagem. Começo mostrando a trajetória nas práticas artísticas que possibilitaram a produção deste trabalho. Sigo elucidando a contextualização teórica do autorretrato na história da arte, passando pelas cavernas de Altamira, ao renascentismo até chegar na fotografia contemporânea de Cindy Sherman, de forma a enriquecer a discussão estabelecida a partir das obras criadas para este trabalho. No terceiro e quarto momento, trago o processo criativo do ensaio visual fotográfico e da produção das aquarelas e subsequentemente o resultado desse processo. Esta pesquisa resultou numa série de autorretratos nas linguagens de aquarela e fotografia, uma produção que questiona o desconforto que surge na projeção de padrões estéticos femininos.

Palavras-chave: Autorretrato; Identidade; Narrativa de si; Fotografia; Aquarela.

## **ABSTRACT**

This Course Completion Work addresses the search for self-knowledge through the creation of self-portraits, both in photography and painting, which generated "Desconforto de Si", a series of works that deal with the discomfort of others' perspectives on oneself and self-knowledge. which led to the empowerment of one's own image. I begin by showing the trajectory of artistic practices that made the production of this work possible. I continue to elucidate the theoretical contextualization of the self-portrait in the history of art, passing through the caves of Altamira, to the Renaissance until arriving at the contemporary photography of Cindy Sherman, in a way that adds to the discussion created from the works created for this work. In the third and fourth moments, I bring the creative process behind the visual photographic essay and the production of the watercolors and subsequently the result of this process. This resulted in a series of self-portraits in the languages of watercolor and photography, which resulted in a production that questions the discomfort that arises in the projection of feminine aesthetic standards.

Keywords: Self-portrait; Identity; Self-narrative; Photography; Watercolor.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sem título, 2016, aquarela e caneta gel sobre papel.	13
Figura 2 – Sad times, 2019, ilustração digital.	14
Figura 3 – Sad times, 2019, ilustração digital.	14
Figura 4 – Coração punk em contos de quarentena, Páginas 1-3, 2020, ilustração digital.	15
Figura 5 – Coração punk em contos de quarentena, Páginas 1-3, 2020, ilustração digital.	15
Figura 6 – Coração punk em contos de quarentena, Páginas 1-3, 2020, ilustração digital.	15
Figura 7 – Coração punk, 2022, argila.	16
Figura 8 – <i>Coração punk</i> , 2022, argila.	16
Figura 9 – Sem título, 2022, lápis de cor sobre papel.	16
Figura 10 – Sem título, 2022, lápis de cor sobre papel.	16
Figura 11 – Sem título, 2022, frames do vídeo.	17
Figura 12 – Retrato de uma menina, século II, Louvre. Encáustica sobre madeira.	19
Figura 13 – Casaco de Peles, 1500, de Albrecht Durer.	20
Figura 14 – Autorretrato na juventude, 1629, pintura a óleo sobre madeira	21
Figura 15 – Autorretrato, 1630, gravura a água-forte.	21
Figura 16 – Autorretrato, 1659, pintura a óleo de Rembrandt Harmensz van Rijn.	21
Figura 17 – Autorretrato, c. 1556, óleo sobre metal, 8,3 x 6,4 cm, de Sofonisba Anguissola.	22
Figura 18 – Judite decapitando Holofernes de Gentileschi (1620-1621), óleo sobre tela, 1625 x 1990 mm, Galeria Uffizi, Florença.	23
Figura 19 – La Pittura, Artemisia Gentileschi, 1630, óleo sobre tela, 97.8 x 74.9 cm. Royal Collection, Windsor Castle, England.	24
Figura 20 – Autorretrato, Vincent Van Gogh, 1889, óleo sobre tela, 65 cm x 54 cm, Musée d'Orsay, Paris.	26
Figura 21 – As duas, Frida Kahlo, 1939, óleo sobre tela, Museo de Arte Moderno de México, México.	27

Figura 22 – Autorretrato, Francis Bacon, 1973, óleo sobre tela, 34,3 x 29,2 cm, coleção particular.	28
Figura 23 – Claude Cahun, Que me veux tu?, 1928, gelatin silver print;	30
Figura 24 – Untitled A, 1975, fotografia de Cindy Sherman;	31
Figura 25 – Untitled B, 1975, fotografia de Cindy Sherman;	31
Figura 26 – Untitled C, 1975, fotografia de Cindy Sherman;	31
Figura 27 – Untitled D, 1975, fotografia de Cindy Sherman.	31
Figura 28 – Autorretrato 2020, aquarela sobre papel.	32
Figura 29 – Autorretrato 2021, ilustração digital.	33
Figura 30 – Autorretrato, 2022, lápis carmine sobre papel.	34
Figura 31 – Desconforto de si, 2023, Ensaio visual.	36
Figura 32 – Desconforto de si, 2023, aquarela sobre papel.	38
Figura 33 – Desconforto de si, 2023, díptico, fotografias.	40
Figura 33 – Planejamento linha , 2023, fotografia.	41
Figura 34 – Planejamento mosaico, 2023, fotografia.	42
Figura 35 – Exposição “Trajetórias poéticas, caminhos formativos”, 2023, fotografia.	43
Figura 36 – Exposição “Trajetórias poéticas, caminhos formativos”, 2023, fotografia.	43
Figura 37 – Exposição “Trajetórias poéticas, caminhos formativos”, 2023, fotografia.	44
Figura 38 – Exposição “Trajetórias poéticas, caminhos formativos”, 2023, fotografia.	44

## SUMÁRIO

Introdução	11
1. Memorial	13
2. Autorretrato	18
2.1 Apontamentos históricos gerais	18
2.2 Autorretratos femininos	28
3. Processo criativo	32
4. Produção	36
4.1 Ensaio Visual	36
4.2 Aquarela	38
4.3. Planejando a exposição	40
Considerações finais	45
Referências	46

## **Introdução**

Esta pesquisa parte de uma busca de autoconhecimento por meio da criação de autorretratos, tanto na fotografia como na pintura, que gerou “Desconforto de Si” uma série de trabalhos que transitam nas linguagens de fotografia e pintura, e versam o desconforto das perspectivas dos outros sobre si, particularmente uma pressão estética que persevera na relação geracional feminina, e o autoconhecimento que levou ao empoderamento da própria imagem.

O primeiro capítulo é dedicado a minha trajetória, no qual elucido as influências desde a infância que me levaram ao caminho das artes, o meu primeiro contato com a criação de desenhos e aquarelas até os momentos nos quais isso foi explorado durante o processo da graduação.

No segundo capítulo contextualizo a teoria do autorretrato na história da arte, a partir das marcas do ser humano nas cavernas passando por retratos póstumos no Egito e Roma antigos, a humanidade sempre representou sua presença. O olhar se volta para si e há a busca da autoimagem quando chega o renascimento e o autorretrato se torna mais corriqueiro com artistas como Albrecht Dürer e Rembrandt Harmenszoon van Rijn que produziram quantidades significativas de obras. Ao longo do tempo, com o surgimento da fotografia e o contexto histórico que fez possível o autorretrato como foco principal de suas obras e não apenas uma prática de estudo como era visto no renascimento. Trago também minhas referências de artistas mulheres, Claude Cahun e Cindy Sherman, que trabalharam com o autorretrato ao longo das décadas com maior foco na fotografia contemporânea.

No terceiro capítulo apresento o processo criativo, quando comento quais foram as minhas primeiras práticas com o autorretrato, durante o período pandêmico, influência de produções de disciplinas da graduação que foram fâscas para o surgimento da ideia deste trabalho de conclusão de curso.

No quarto capítulo é exposta a produção final do trabalho, separo em partes: primeiramente trato do ensaio visual, uma série de oito sobreposições, produzida no começo de 2023 na disciplina de Fotografia I, busco inspiração nas produções de Sherman e Cahun. A partir dessa série de fotografias,

apresento a produção das oito pinturas em aquarela que trazem em foco o meu rosto e meus gestos.

A relevância dessa pesquisa é mostrar a potência poética do conhecimento de si e da problematização das projeções geracionais que implicam distorções/desconfortos na própria imagem, fazendo o recorte da socialização do gênero feminino.

## 1. Memorial

Durante minha infância passei muito tempo no Paço das Artes de Cascavel no Paraná, lá ficava a biblioteca, o museu de artes e a Secretaria de Cultura Municipal, onde minha mãe trabalhava. Deste modo, cresci muito voltada para os eventos de cultura da cidade, desde exposições de curtas do Festival de Cinema à contação de histórias na biblioteca ou até mesmo oficinas de coral do Festival de Música. Lembro em um dos festivais de cinema que aconteciam anualmente de assistir a animação brasileira Brichos.

Desenho desde de criança tendo maior vontade de melhorar minhas habilidades de desenho a partir dos 12 anos, quando comecei a assistir tutoriais no Youtube.

Com a técnica de aquarela, iniciei aos 15 anos meu interesse em adquirir esse conhecimento, também por tutoriais do Youtube. A vontade de desenhar, nessa época, veio muito em decorrência de acompanhar artistas e ilustradores nas redes sociais. O foco em retratos mais femininos veio naturalmente, já que era o que me interessava, o que me chamava atenção eram as cores diferentes.

Figura 1 – *Sem título, 2016, aquarela e caneta gel sobre papel.*



Fonte: Acervo Pessoal.

Durante a disciplina Introdução a Desenho Gráfico participei do projeto “Arte para Playlist”, que consiste na produção de artes gráficas para playlists. Para o meu trabalho escolhi “Sad Times” como tema da minha playlist (Figura 2 e 3). Nesta proposta, escolhi músicas que me passam o sentimento de melancolia, com exceção da última que traz a esperança de dias melhores e utilizei como referência visual o livro “A Psicologia das cores: Como as cores afetam a emoção e a razão” (HELLER, Eva. 2014), escolhi as cores opostas azul e laranja para dar a ambientação necessária à minha ilustração, harmonizando o sentimento de tristeza azul com o vibrante laranja, trazendo assim a ideia de que há algo além da tristeza.

Figura 2 e 3 – Sad times, 2019, ilustração digital.

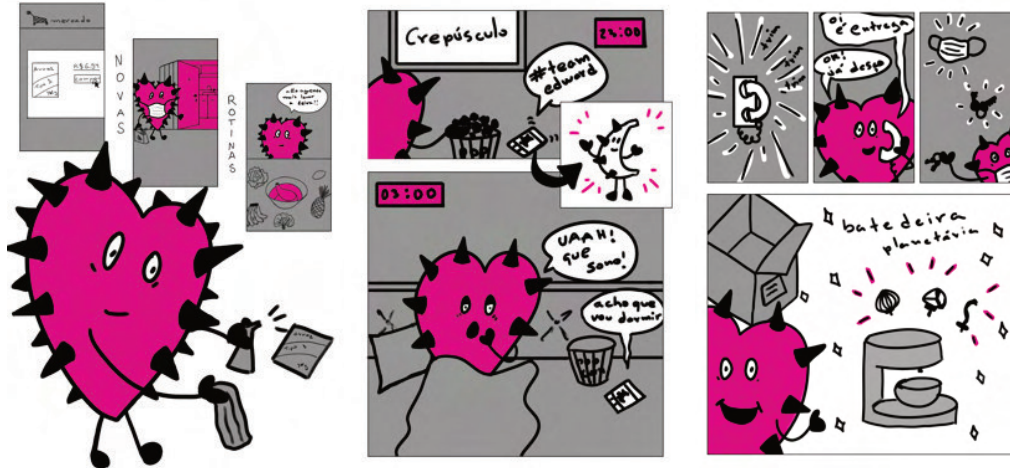


Fonte: Acervo Pessoal.

Em 2020, realizei o Curso de Extensão “Histórias em Quadrinhos - Quarentena ao sul do Sul” (NAVENTURA) foi proposto a criação de uma história em quadrinhos que tinha como objetivo mostrar a mudança no nosso cotidiano devido a pandemia de Covid-19. Naquele momento eu estava muito apegada ao perfeccionismo e pensando na repetição que seria necessária para o quadrinho que estava elaborando, criei a personagem "Coração Punk", um coração com espinhos cartunizado com olhos braços e pernas, que utilizei como alter ego para contar minha rotina pandêmica. A história em quadrinho "Coração Punk em contos de quarentena" (Figura 4, 5 e 6) que fez parte da

coletânea de histórias em quadrinhos "Pandeminha"<sup>1</sup> organizada pelo professor Diogo Gonçalves em 2020 e foi produzida com ilustrações digitais feitas no programa "Procreate".

Figura 4, 5 e 6 – Coração punk em contos de quarentena, Páginas 1-3, 2020, ilustração digital.



Fonte: Acervo Pessoal.

Gostei tanto da experiência da criação de "Coração Punk" que fiz experimentações simplificadas em cerâmica na disciplina de Introdução à Tridimensionalidade e o recriei agora como objeto tridimensional em cerâmica (Figura 7 e 8) na disciplina Oficina de Cerâmica.

<sup>1</sup> <https://issuu.com/diogomickken/docs/pandeminha>

Figura 7 e 8 – *Coração punk*, 2022, argila.



Fonte: Acervo Pessoal.

Também em uma das experimentações de Desenho II utilizo o Coração Punk para criar uma animação simples de flipbook (Figura 9 e 10).

Figura 9 e 10 – *Sem título*, 2022, lápis de cor sobre papel.



Fonte: Acervo Pessoal

Tive a ideia da criação de autorretratos em aquarela a partir da atividade da disciplina de Introdução à Fotografia, na qual era necessário criar um álbum com fotos de arquivo. A primeira pesquisa que fiz foi em minhas fotos de criança, muitas das quais relembram e até mesmo mostram o meu desconforto com tirar fotos. Minha mãe simplesmente insistia tanto que se tornou um incômodo ao ponto de que só recentemente eu tiro mais selfies e também me deixo fotografar pelos demais. Acabei não utilizando aquelas fotos no álbum, mas esse sentimento continuou no meu pensamento ao ponto de inspirar este

trabalho, no sentido de explorar mais a fundo essa relação com a minha autoimagem.

Outra atividade que me ajudou nesse caminho foi uma videoperformance que produzi para a disciplina Cinema e Vídeo I, na qual através de um espelho eu aparecia mexendo no meu rosto e fazendo caretas como se estivesse procurando o que me incomoda.

Figura 11 – *Sem título, 2022, frames da videoperformance.*



Fonte: Acervo Pessoal.

## **2. Autorretrato**

### **2.1. Apontamentos históricos gerais**

A modo de introdução ao tema dos retratos e, principalmente, dos autorretratos, foco de estudo desta pesquisa, neste capítulo apresento um breve relato desta prática na história da arte ocidental.

O retrato é, desde as origens da arte, uma das suas mais importantes determinações. Desde as grutas de Altamira e Lascaux, às representações sociais e narrativas da pintura egípcia, ao desenho sumério, à escultura e gravura gregas, a representação do outro ou de si mesmo parece estar ligada à condição da arte. (Medeiros, 2000, p. 35.)

A necessidade de autorrepresentação do ser humano sempre esteve presente e ao longo dos anos e contextos se modificam, na pré-história a as mãos demarcadas dentro das cavernas, de Altamira na Espanha e Cueva de las Manos na Argentina por exemplo, feitas com pó de ferro e carvão ao redor das mesmas, mostram a necessidade de marcar presença.

Já na Roma Antiga, considerada berço de origem dos retratos no Ocidente, os bustos e esculturas masculinos traziam para além das representações fiéis, as marcas presentes em seus rostos, rugas que compunham suas expressões. Laura Ferrazza elucida:

No lugar da beleza clássica e etérea dos gregos, os romanos imprimiam marcas pessoais aos retratos, destacando características demasiado humanas. Cada retrato romano é único e singular. É nos rostos masculinos que encontramos a maior variedade de detalhes. Nos retratos mais antigos, do período republicano (séc. I a. C.), temos a representação do típico pater familias instituição romana que moldou aquela sociedade. Segundo a tradição romana, o pai de família tinha o poder sobre todos os bens e mesmo sobre a vida dos membros de sua casa. Os homens desses retratos possuem uma aparência austera e severa. (Ferrazza, 2019, s.p.)

Havia também retratos femininos, mas esses já permaneciam em um ideal de beleza acima de características físicas marcantes. Eram retratadas com traços delicados e rostos jovens. No Egito romano existiam, muito por influência dos greco-romanos, os retratos de Fayum, retratos realistas de falecidos que eram pintados sobre madeira em múmias egípcias, esses

retratavam a altas castas da época e consistia de retratos de homens e mulheres abastados.

Figura 12 – *Retrato de uma menina, século II, Louvre. Encáustica sobre madeira.*



Fonte: - Wikipedia.org. Disponível em:  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Retratos\\_de\\_Faium#/media/Ficheiro:Portrait\\_du\\_Fayoum\\_02.JPG](https://pt.wikipedia.org/wiki/Retratos_de_Faium#/media/Ficheiro:Portrait_du_Fayoum_02.JPG)  
>. Acesso em: 06 setembro. 2023.

Foi a partir do Renascimento, quando o foco do imaginário dos artistas voltou-se ao ser humano, que o retrato se tornou um dos gêneros mais populares da pintura. Em um contexto em que os retratos em tinta óleo eram muito requisitados pela burguesia, aristocracia e clero, que os utilizava como modo de criar uma imagética heróica sobre si. Como aponta Laura Ferrazza:

Os artistas do renascimento tinham mais de um caminho a seguir quando concebiam um retrato. Podiam refletir no personagem representado o novo espírito artístico, ou espelhar o lugar do sujeito na sociedade. Na maioria das vezes, o artista acabava optando por uma forma expressiva que unisse as duas anteriores. Assim, a semelhança com o modelo ou pormenores podiam perder importância frente aos novos ideais artísticos. (Ferrazza, 2020, s.p.)

Artistas –categoria em ascensão naquele momento, posto que que passavam a ser reconhecidos como intelectuais, deixando de ser vistos apenas como meros artífices– também usufruíram dessa possibilidade de maneira a marcar a sua individualidade e estilo por meio tanto da produção de retratos, como de autorretratos. O primeiro a fazer uma série de autorretratos foi Albrecht Dürer (1471-1528), ele se retratava da mesma maneira que os artistas



representa de forma que seus olhares e posturas vagueiam entre a serenidade, a concentração e a melancolia. Como podemos observar nas figuras 14, 15 e 16 a seguir:

Figura 14 – *Autorretrato na juventude*, 1629, pintura a óleo sobre madeira;  
Figura 15 – *Autorretrato*, 1630, gravura a água-forte;  
Figura 16 – *Autorretrato*, 1659, pintura a óleo de Rembrandt Harmensz van Rijn.



Fonte: WikiArt.org. Disponível em:

<<https://www.wikiart.org/pt/rembrandt/autorretrato-na-juventude-1629>><<https://www.wikiart.org/pt/rembrandt/self-portrait-1630>><<https://www.wikiart.org/pt/rembrandt/self-portrait-1659>>.

Acesso em: 10 jul. 2023.

Apesar das produções de Dürer e Rembrandt, na época o autorretrato era considerado um sub gênero da pintura, que os artistas praticavam entre encomendas ou como forma de estudo:

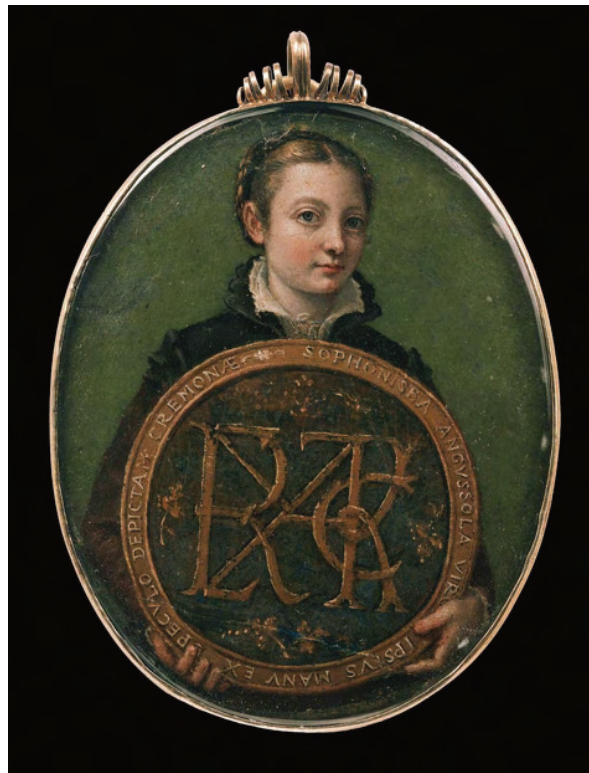
No espelho do auto-retrato de artista reflete-se a imagem física assim como estados emocionais, contextos sócio-históricos que circunscrevem a obra, além de questionamentos sobre maneiras de se ver e de se lidar com arte. (Canton, 2002, p. 32.)

A pintora renascentista Sofonisba Anguissola, nasceu entre 1532 e 1538, era a mais velha de sete irmãos, sendo seis mulheres, das quais quatro pintavam, Sofonisba, Lucia, Europa e Ana Maria. A família residia em Cremona na Itália e pertencia a pequena aristocracia cremonese, mas os pais tinham formação o suficiente para que fizessem questão de uma educação completa que passasse pelas artes. As pinturas das irmãs nesse período eram tão similares que é de difícil identificação a autoria, ocorrendo até mesmo a confusão de quem são os personagens presentes nas pinturas, quais das irmãs teria sido retratada.

Na figura 17, podemos observar uma medalha com autorretrato em miniatura de Sofonisba, na qual a mesma segura um medalhão com escritas sobre sua família e cidade natal que passam a ideia de um brasão pessoal. A pintura deixa claro o status da família de Sofonisba, além de apresentar o medalhão como um escudo.

*[...] nem sempre a artista se auto-retrata como pintora, e sim como uma gentildonna, dotada de educação e dos dotes típicos que uma mulher em sua posição deveria ter. (Hargrave, 2010, p. 215.)*

Figura 17 – Autorretrato, c. 1556, óleo sobre metal, 8,3 x 6,4 cm, de Sofonisba Anguissola.



Fonte: Museum of Fine Arts, Boston. Disponível em: <https://collections.mfa.org/objects/33656/selfportrait>. Acesso em: 10 jul. 2023.

Considerando as limitações da época de estilos que mulheres podiam pintar, Sofonisba se tornou relevante por sua grande produção de autorretratos e com a ajuda de seu pai, obtendo comentários de figuras importantes como Vasari. Inspirada por Sofonisba, Artemísia também produziu autorretratos e se divulgou da mesma forma que sua antecessora, obtendo relevância em sua época.

Artemisia Gentileschi (1593-1653) foi uma pintora barroca italiana conhecida principalmente seu caso de estupro e o julgamento do mesmo, o que afetava suas pinturas sendo uma das mais marcantes a pintura “*Judite decapitando Holofernes*”, onde ela se coloca como Judite, e seu agressor, Agostino Tassi, de Holofernes.

Figura 18 – *Judite decapitando Holofernes* de Gentileschi (1620-1621), óleo sobre tela, 1625 x 1990 mm, Galeria Uffizi, Florença.



Fonte: Museum of Fine Arts, Boston. Disponível em:

<<https://collections.mfa.org/objects/33656/selfportrait>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

Contrário de Rembrandt, Artemisia e Sofonisba se retratam como pintoras e não como algo divino inalcançável. Em “La Pittura” na figura 19,

Gentileschi utiliza-se de sua própria imagem como alegoria onde, ao contrário de seus contemporâneos homens, se faz necessário primeiro se instituir como pintora/artista - que na época era visto como mais perto do artesanato do que uma arte intelectual- além de Gentileschi usar da imagem feminina na época estar ligada a ideia de musa de beleza de objeto e faz esse contraponto em que ela se coloca com a retratante, nesse caso pintora, o que não era o padrão na época mulher terem esse lugar, a retratada.

Seus colegas do sexo masculino certamente não tiveram escrúpulos em fazê-lo; os autorretratos dessa época, feitos por artistas do sexo masculino, frequentemente apresentavam o tema fantasiado de um nobre. [...] impulsionados pela necessidade de se estabelecerem em uma profissão que a sociedade já reconhecia como praticada por seus contemporâneos do sexo masculino.<sup>2</sup> (Conn, 2009, p. 24.)

Figura 19 – *La Pittura*, Artemisia Gentileschi, 1630, óleo sobre tela, 97.8 x 74.9 cm. Royal Collection, Windsor Castle, England.



Fonte: Royal Collection Trust - UK. Disponível em: <https://www.rct.uk/collection/405551/self-portrait-as-the-allegory-of-painting-la-pittura>

---

<sup>2</sup> Tradução livre feita a partir do artigo de Virginia L Conn disponível em: <https://uknowledge.uky.edu/kaleidoscope/vol8/iss1/6>.

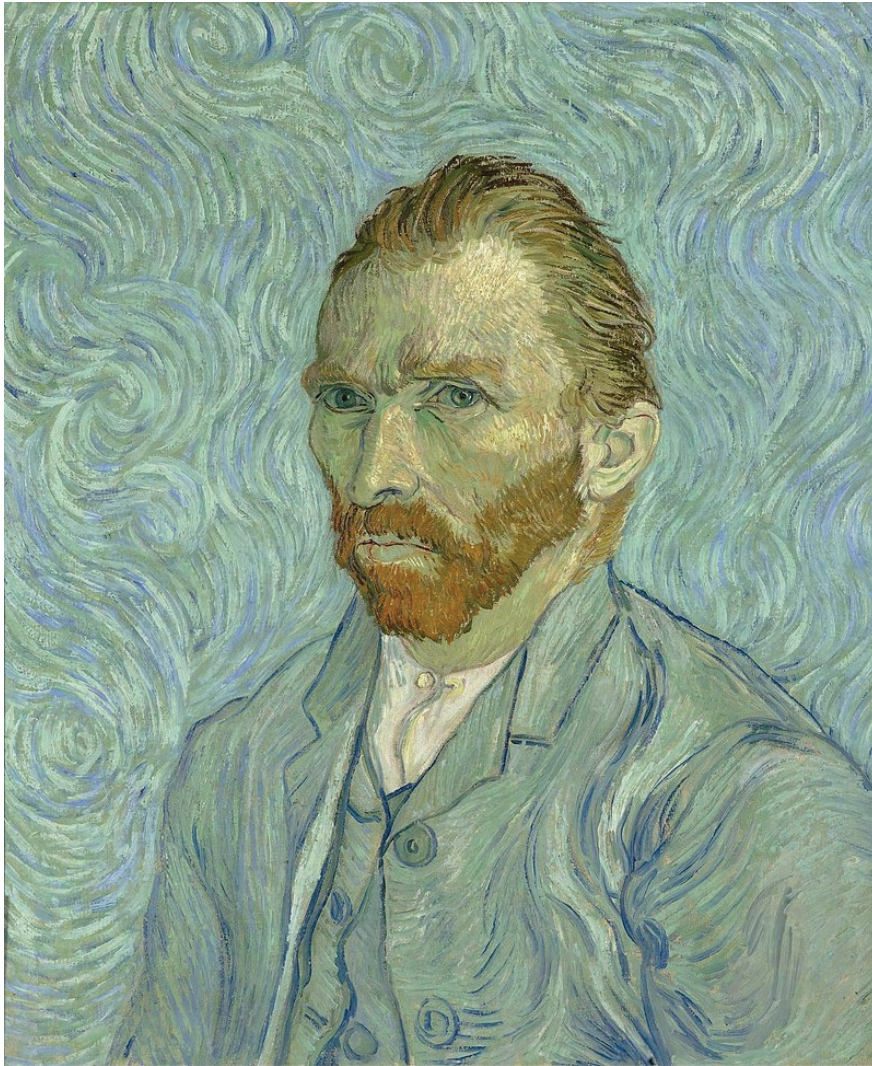
Nos autorretratos modernos, a representação da imagem não importa como objeto, mas como um ato, algo a ser comunicado. O artista pode liberar sua imaginação sem obrigações artísticas e morais, revelando assim uma identidade cambiante, mutável e fragmentada. (Rauen, Momoli, 2015, p. 58.)

Van Gogh no pós-impressionismo também trabalha com a produção de autorretratos que trazem diferente dos renascentista, as expressões e emoções mais significativas, como por exemplo na figura 20 seu último autorretrato podemos observar no seu olhar uma mente inquieta

*[...] Van Gogh parece refletir: a realidade é outra em relação a mim, mas sem o outro eu não teria consciência de ser eu mesmo, eu não seria. Quanto mais o outro é outro, diferente, incomunicante, tanto mais eu sou eu, tanto melhor descubro minha identidade, o sentido-não-sentido de meu estar-no-mundo. E tanto mais o mundo manifesta a consciência aterrorizada sua própria descontinuidade e fragmentariedade. (Argan, 1992, p.125.)*

O autorretrato por muitas vezes consegue retratar traços resquícios dos pensamentos, trazendo mesmo que subconscientemente essa expressão.

Figura 20 – *Autorretrato, Vincent Van Gogh, 1889, óleo sobre tela, 65 cm × 54 cm*  
*Musée d'Orsay, Paris.*



Fonte: Van Gogh self-portrait (1889) . Disponível em:  
[https://en.wikipedia.org/wiki/Van\\_Gogh\\_self-portrait\\_\(1889\)#/media/File:Vincent\\_van\\_Gogh\\_-\\_Self-Portrait\\_-\\_Google\\_Art\\_Project.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Van_Gogh_self-portrait_(1889)#/media/File:Vincent_van_Gogh_-_Self-Portrait_-_Google_Art_Project.jpg).

No sentido clássico do termo, o retrato, independentemente de refletir características do próprio autor ou de um modelo externo, buscará caracterizar seu objeto de investigação, evocando e ressaltando particularidades do mesmo, de forma a recortá-lo do contexto. Desta forma, o autorretrato seria uma representação da individualidade do próprio autor, e, portanto, pressupõe-se que funcione como uma reflexão sobre o universo particular do mesmo. (Rauen, Momoli, 2015, p. 56-57.)

Frida Kahlo (1907-1954) foi uma pintora surrealista mexicana conhecida por seus retratos autorretratos e por suas obras inspiradas na natureza e artefatos do México, trabalhava com questões de identidade, pós-colonialismo, gênero, classe e raça.

Na figura 21, temos duas Fridas sendo cada uma delas a representar uma de suas origens, a esquerda com vestimentas européias, renda, e pele mais clara e na direita com um vestido tehuana, ambas estão ligadas com uma veia entre seus corações, cada versão representa um de seus pais. Esse autorretrato traz a discussão sobre sua própria identidade muito presente na contemporaneidade

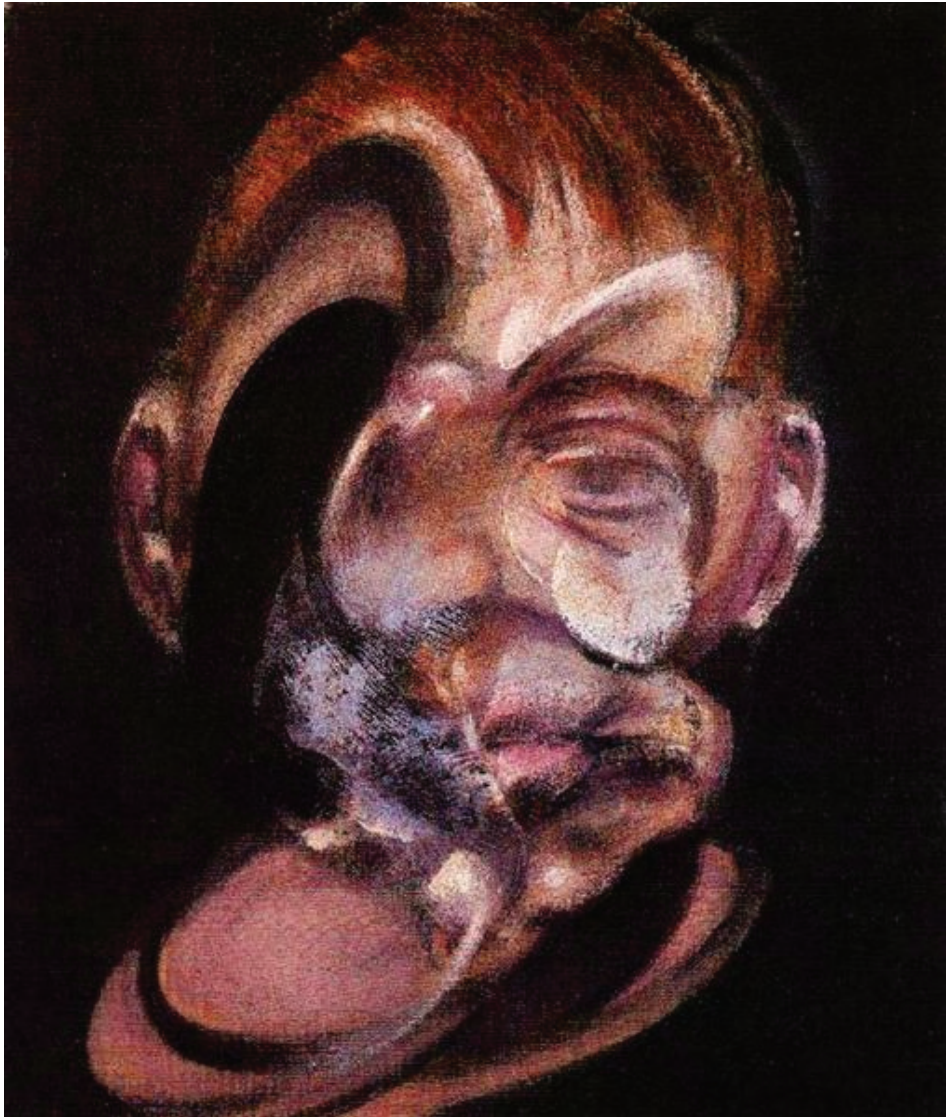
Figura 21 – *As duas*, Frida Kahlo, 1939, óleo sobre tela, Museo de Arte Moderno de México, México.



Fonte: As duas. Disponível em: <https://fcs.mg.gov.br/as-duas/>

Francis Bacon (1909-1992) foi um pintor expressionista que criou diversos autorretratos, apesar de alegar que odiava seu rosto e que se retratava apenas porque não havia mais ninguém para retratar, já que seus conhecidos haviam morrido ou estavam distantes. Segundo Yandra Suyane Melo (2022), Francis Bacon mostrou-se para o mundo em autorretrato porque precisava.

Figura 22 – *Autorretrato*, Francis Bacon, 1973, óleo sobre tela, 34,3 x 29,2 cm, coleção particular.



Fonte: WikiART: <https://www.wikiart.org/pt/francis-bacon/self-portrait-1973>

[...] quando vemos um autorretrato de um artista vemos como ele se constrói (ou desconstrói) diante dos olhos dos outros e dele mesmo. (Melo, 2022, p.19.)

Para Medeiros, Bacon anuncia a ameaça de morte do Eu (que é um equivalente simbólico da desconfiguração) através da insistência na representação de si deformada.

### **2.1. Autorretratos femininos**

A partir do surgimento da fotografia com Daguerre e Niépce, a pintura de retratos saiu da ideia de retratar apenas o real, já que a fotografia fazia isso

com muito mais facilidade, e pode explorar outras formas de representação o que levou a obras como as de Claude Cahun e Cindy Sherman.

Claude Cahun, pseudônimo adotado em 1917 por Lucy Renée Mathilde Schwob, nascida em 1894 em Nantes na França, traz com suas fotos questões de gênero e simbologias Queer/LGBTQI+ que, segundo Sabiá (2019), transitou em liberdade entre os rótulos de gênero, linguagens e nas construções imagéticas de si. Como destaca a autora:

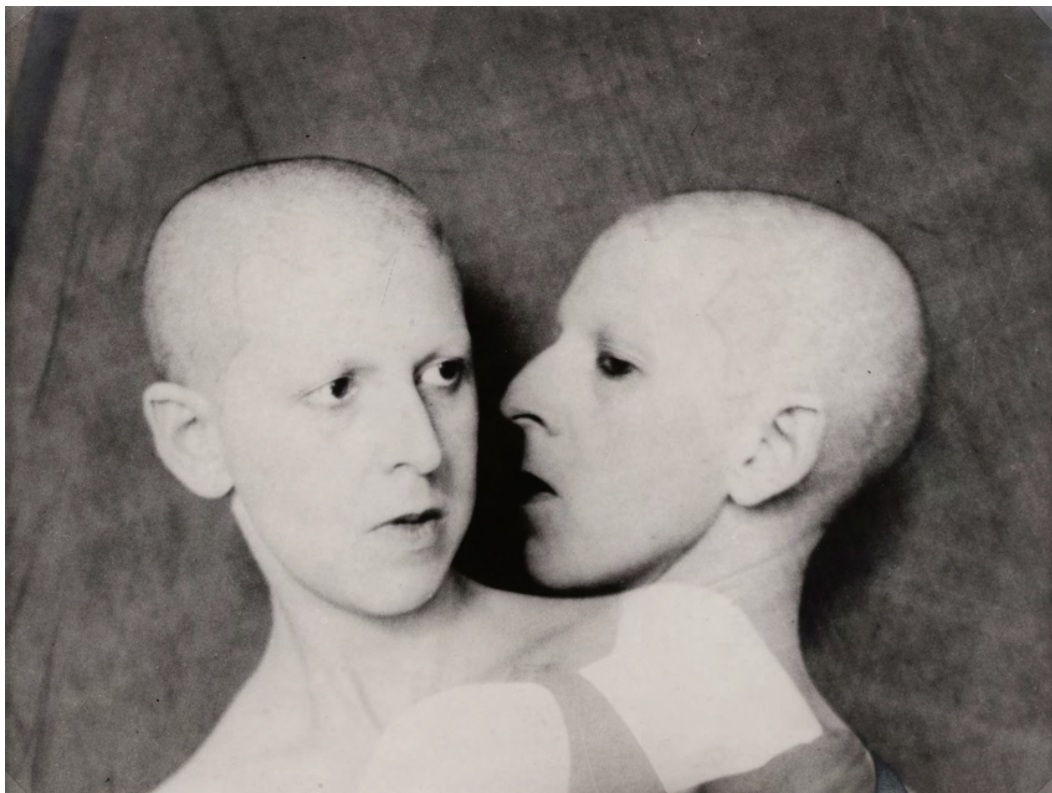
A originalidade de Claude, no entanto, é a experimentação de si no propósito da invenção de um ser que não se afirma em determinado rótulo, mas intenta colocar-se 'entre' lugares, 'entre' gêneros, entre ideias, entre modos de vida, entre realidade e ficção.

Na foto de 1928, *Que me veux-tu?* (Quem quer o quê de quem?), temos das Cahuns, ambas translúcidas, uma vemos seus ombros mas desvia o olhar, entretanto a outra Cahun de costa está virada para a câmera, esse desvio de si remete ao nome da obra e mostra a estranheza entre as personas. Segundo Ruggieri

[...] um corpo com duas cabeças, em que as cabeças não parecem ser aliadas entre si, isto é, não potencializam a identidade, e sim fazem um aceno à síntese impossível: uma cabeça se impõe à outra, que retrocede, a feição vulnerável.

Cahun também foi fonte de inspiração para o trabalho de Sherman.

Figura 23 – . Claude Cahun, *Que me veux tu?*, 1928, gelatin silver print;



Fonte: Metropolitan Museum of Art. Disponível em:  
<https://www.arthistoryproject.com/artists/claude-cahun/what-do-you-want-from-me/>

O que ela buscou em sua arte-vida era a experimentação de sua identidade e não uma definição desta. Cahun buscava e propunha a reinvenção, a personificação, um mascarar se para logo em seguida, trocar as facetas. A sua 'verdade' é constantemente tecida com a ficção, pois "Sob esta máscara, outra máscara; nunca terminarei de remover todas essas caras", escreveu ela. (Sabiá, 2019 p.80)

Cindy sherman (1954) é uma fotógrafa e diretora de cinema estadunidense, que produz uma série de autorretrato conceituais, onde com a própria imagem retrata personagens femininos do cinema e da cultura popular, questionando assim os papéis de gênero e a representação das mulheres na sociedade (figuras 24-27).

Sherman trata suas obras como personagens e não como autorretratos. Como veremos mais adiante, utilizo essa referência em minhas fotos, pois para além de usar frames para compor o trabalho, já que

primeiramente me gravei com a câmera frontal buscando trazer mais espontaneidade, igualmente tento expressar o desconforto sem exageros de caretas, mas sim com o ato de fugir da câmera e, se nela presente, podemos observar sinais e micro expressões de desconforto.

Figuras 24 -27– *Sem título A, B, C e D, 1975, fotografia de Cindy Sherman;*



Fonte: Tate. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/>

Tenho como inspiração para poética desenvolvida para este trabalho de conclusão de curso a fotógrafa Cindy Sherman, quem a usei de referência para a criação de fotografias e ensaios visuais. A representação de personagens diversos, mas do recorte de gênero, sobre a imagem de si me chama a atenção, pois o desvio da autoimagem direta ao mesmo tempo que trata de questões intrinsecamente pessoais traz a possibilidade de expansão das formas de expressão da artista através de outros meios já conhecidos como as referências da cultura pop.

Utilizo essas ideias em minhas fotos nas quais retrato o desconforto que tenho em me colocar em frente a uma câmera, para discutir de onde vem este incômodo e a partir do processo de autorretrato tomar poder sobre esse desconforto.

### 3. Processo criativo

Apesar de trabalhar com pinturas de retratos, o autorretrato não era uma prática recorrente na minha poética, foi recentemente que surgiu com maior frequência, se não me engano foi durante a pandemia de COVID-19 que faço meu primeiro autorretrato, em aquarela (figura 28). Nele, apareço de cabelo verde e óculos escuros, talvez como forma de recordar e mostrar essa mudança já que estava em casa e sem muito contato com outras pessoas e com pouca possibilidade de sair de casa.

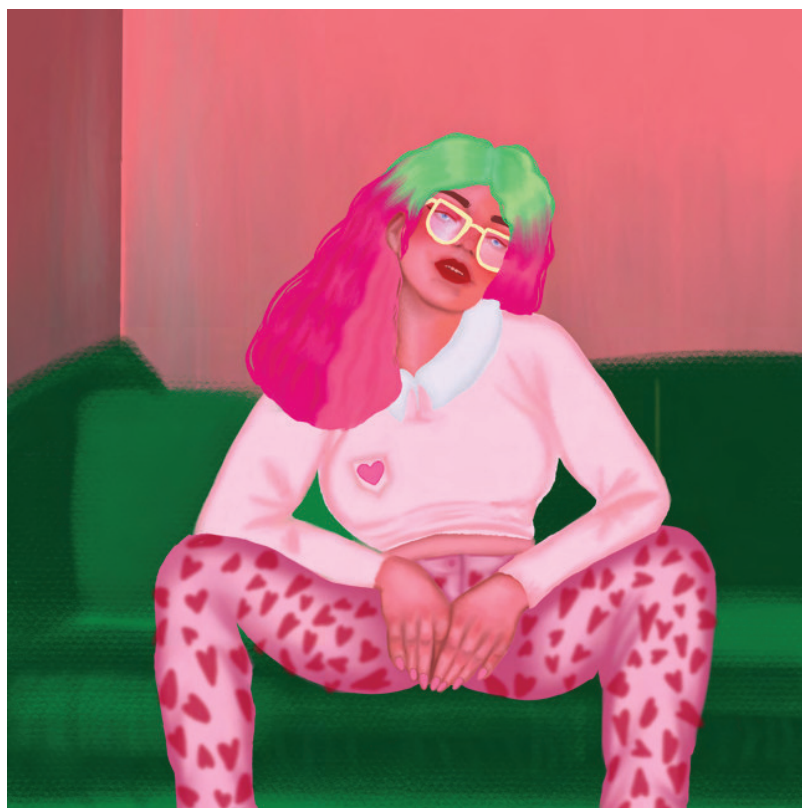
Figura 28 – autorretrato 2020, aquarela sobre papel.



Fonte: Acervo Pessoal.

Ainda em tempos pandêmicos, produzo agora no digital um autorretrato de corpo inteiro no qual o intuito era pegar itens das threads de twitter nas quais você monta um look dependendo dos seus dados, como: signo, idade, cor favorita etc. Neste autorretrato (figura 29), estava com as roupas que obtive em uma thread: de cabelo verde e rosa, numa pose masculinizada sentada em um sofá.

Figura 29 – autorretrato 2021, ilustração digital.



Fonte: Acervo Pessoal.

Volto a realizar autorretratos somente em 2022, na disciplina de Desenho I, quando já começo a pensar nessa pesquisa. Produzo rascunhos e desenhos rápidos a partir da videoperformance produzida previamente na disciplina de Cinema e Vídeo I, mas até então esse autorretratos eram práticas aliadas ao realismo sem muito distorção, apenas como forma de treino.

Figura 30 – autorretrato, 2022, lápis carmine sobre papel.



Fonte: Acervo Pessoal.

A ideia veio a partir do processo de criação para atividade de álbum de época de Introdução a Fotografia, para o qual fui buscar por fotos minhas de criança e me deparei com várias fotos que mostravam o meu desconforto (expressão irritada, mão em direção da câmera tentando bloquear etc.). A partir disso me veio a ideia de explorar esse desconforto que surgiu na infância, mas ainda se faz presente. Na infância, a maioria dessas fotos foram tiradas pela minha mãe e de certa forma ao ver essas fotos me veio a frustração das expectativas estéticas que a minha mãe colocava e ainda coloca sobre mim.

Do mesmo modo, observei uma videoperformance que fiz para disciplina de Cinema e Vídeo 1 (figura 11), que consiste em eu em frente a um espelho com a câmera virada para mim e mexendo no meu rosto como se procurasse imperfeições defeitos puxando e apertando.

Tanto no ensaio e na videoperformance de 2022, trato a câmera como espelho, já que enquanto eu gravava as imagens eu estava no modo “retrato/selfie” e tinha visão da imagem.

*O auto-retrato é o espelho de artista. Ali se reflete sua imagem externa, assim também como estados emocionais, contextos sócio-históricos que circunscrevem a obra, além de questionamentos sobre maneiras de se ver e de se lidar com arte. São essas variáveis que lhe conferem força e uma eterna capacidade de nos intrigar. (Canton, 2002, p. 27.)*

A escolha da fotografia como primeiro passo veio para além do uso como referência, mas para tensionar esse desconforto em frente as câmeras que me acompanha, edito essas fotografias e as sobreponho como forma de demonstrar o sentimento de desconforto e fuga das câmeras mas trazendo para a pintura, especialmente para aquarela minha zona de conforto, assim tomando pra mim o poder de como sou retratada.

Passo para a aquarela a técnica que me sinto confortável de explorar essas nuances, camadas e transparências que ajudam a tratar de movimento. Penso a partir de Francis Bacon, a forma de representar esse desconforto de se autorrepresentar e, como ele, distorço de certa forma a minha imagem, compartilho desse desconforto, mas não o evito e coloco em evidência a sua existência.

Assim como o próprio viver, o criar é um processo existencial. Não abrange apenas pensamentos nem apenas emoções. Nossa experiência e nossa capacidade de configurar formas e de discernir símbolos e significados se originam nas regiões mais fundas de nosso mundo interior, ao mesmo tempo que o intelecto estrutura as emoções. São níveis contínuos e integrantes em que fluem as divisas entre consciente e inconsciente e onde desde cedo em nossa vida se formulam os modos da própria percepção. São os níveis intuitivos do nosso ser. (Ostrower, 2012, p.56)

## 4. Produção

### 4.1. Ensaio Visual

Figura 31 – *Desconforto de si*, 2023, *Ensaio visual*.



Fonte: Acervo Pessoal.

Primeiramente, como comentado no capítulo anterior, a ideia surge ao buscar por fotografias de arquivo da infância para um trabalho da disciplina de Introdução a Fotografia, em 2022, ao vasculhar por essas fotografias me deparei com fotografias que disparam a lembrança do desconforto. Desconforto este gerado pela projeção materna de padrões de beleza femininos, que sentia durante essas fotografias, pensando nisso fico com essa lembrança até produzir o ensaio visual.

O ensaio foi produzido como trabalho final para a disciplina de Fotografia I, já em 2023, e tinha como objetivo expressar o desconforto em frente às câmeras e também como a produção de fotografias que será usado de base para as pinturas. Como dito anteriormente, utilizo as obras de Sherman e Cahun como referência para a produção deste ensaio.

*Diferentemente do autorretrato produzido ao longo da história, os artistas contemporâneos atribuem-lhe novos conceitos, novos sentidos, construindo-o não mais com a intenção de, simplesmente, copiar a sua aparência física, mas como forma de questionar sua identidade. (Rauen, Momoli, 2015, p. 59.)*

Como Sherman, também performo em frente às câmeras, mas não um personagem e sim um sentimento, o desconforto. Me desvinculo de uma representação realista/renascentista de um autorretrato, mas dialogo com o pensamento contemporâneo, indo além da representação objetiva, para trabalhar algo que passa despercebido, o sentimento.

Essas fotos são frames, retiradas de um vídeo que produzi com a câmera frontal “selfie”, dialogando com o costume do autorretrato que se utiliza de espelho mas de forma contemporânea por intermédio de uma câmera de um tablet, como forma de melhor retratar e buscar uma genuinidade dos movimentos, assim não sendo feita a necessidade de uma pose travada o que prejudicaria ao meu ver a potência deste ensaio. A partir desses frames, é criado digitalmente por meio de softwares de edição as sobreposições fotográficas.

Tal qual Cahun utiliza em *Que me veux-tu?*, também utilizo da sobreposição para trazer a ideia de espectralidade e multiplicá-las de forma que traga a sensação de fuga da própria imagem.

*Exige um movimento de saída de mim, como toda pintura, mas impõe um retorno a mim, como todo retrato. Refaço na contemplação do autorretrato, na contramão, o movimento do pintor que sai de si para se fixar como outro e retornar a si. Não há mistério, não há mentira, há apenas corpo e olhar movendo-se em torno do princípio de todo movimento, o sujeito que habita o mundo (Teixeira, 2005, p.127).*

## 4.2. Aquarela

Figura 32 – *Desconforto de si*, 2023, aquarela sobre papel .



Fonte: Acervo Pessoal.

A escolha da aquarela foi, para além da minha aproximação com a técnica, devido à fluidez que traz a pintura, o que ajuda a trazer a representação de movimento e das transparências previamente articuladas nas fotografias do ensaio visual. Como dito previamente, faço uma certa jogada neste processo, utilizo como uma das estratégias de lidar com desconforto, o conforto do conhecimento extenso na linguagem de aquarela como forma de trazer essa ambiguidade e contraste para o trabalho. A aquarela já é comumente, dentre meus colegas acadêmicos, associada a mim, já que tenho costume de dar oficinas de aquarela. Além disso, as práticas de aquarelista estão intrinsecamente ligadas às minhas composições de outras mídias. Aquarela é por onde me expresso com maior facilidade e possui uma influência inegável em como é meu processo poético.

Já utilizava do rosa para representar anteriormente com o personagem Coração Punk, personagem esse que é uma outra forma de autorretrato minha, a ideia do uso do rosa vem do mesmo pensamento da fotografia, pegar a ideia do outro sobre aquilo, no caso a cor rosa, e ressignificar para mim.

Na infância, geralmente associa-se às meninas a cor rosa, já na adolescência muitas dessas meninas sentem a necessidade de se afastarem dessa cor já que ela é atrelada aos estereótipos de gênero como uma forma ruim de feminilidade. A ressignificação da cor se torna necessária, já que previamente também era um lugar de desconforto associado a padrões estéticos femininos. Para além disso, há também a identificação com as cores quentes, sempre me retratei com esses tons talvez por causa do meu cabelo ruivo ou do subtom rosado.

Opto por não pintar o cabelo nas aquarelas, exceto em uma na qual a presença do cabelo se fez necessária para acentuar o movimento de fuga do enquadramento, apesar deste ser parte importante da minha imagem, como forma de trazer maior foco ao rosto e nas expressões presentes e ampliar o significado do trabalho.

Naomi Wolf no livro "O mito da beleza" traz a citação do crítico John Berger, "Os Homens olham as mulheres. As mulheres se observam sendo olhadas. Isso determina não só as relações entre os homens e as mulheres, mas também a relação das mulheres consigo mesmas" e comenta que nos nossos dias atuais é mais verdadeira do que nunca. Pensando nisso, produzo esses autorretratos de modo que não é para aqueles que continuam com os olhares voltados para os padrões estéticos desta feminilidade atribuída pelo patriarcado.

Tive como objetivo também a busca por uma estética mais andrógina tal qual nas produções de Cahun, como forma de desvincular com essa visão social de uma imagem dita feminina.

### 4.3. Planejando a exposição

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, entrei para o grupo de pesquisa ARTEECOS núcleo de estudos e práticas ecosóficicas (FURG/CNPq) coordenado pelo professor Cláudio Tarouco Azevedo e realizei obras que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa. Tais obras seriam expostas na exposição “Fluxus nos espaços em tempos pandêmicos” na Galeria Hippocampus em Rio Grande.

Figura 33 – *Desconforto de si*, 2023, *díptico, fotografias*.



Fonte: Acervo Pessoal

O díptico “Desconforto de Si” tem como mesma fonte poética do ensaio visual produzido para essa pesquisa. Uso a transição de cores de forma que a direção da fuga seja representada pelo tom mais claro. As imagens são iguais mas uma é invertida para que fique claro a fuga da câmera. O desconforto é tanto que acarreta a fuga.

Sabendo que este trabalho de conclusão de curso será finalizado previamente a abertura da exposição, desta forma trarei aqui os planejamentos e expografia da mesma como forma de exemplificação da obra completa.

A partir da conclusão das pinturas em aquarela me indaguei como seria apresentado os trabalhos, desde pensar se seriam expostas as fotografias do ensaio ou somente as aquarelas, junto com a minha orientadora, decido por expor todas as fotografias e pinturas, já que ambas as linguagens se potencializam.

Deste modo, optei por revelar as fotografias digitais em A4 (210 x 297 mm) já que as aquarelas foram feitas neste mesmo tamanho, assim totalizando 16 obras emolduradas, a escolha da moldura preta simples foi feita para dar enfoque e contraste no trabalho, principalmente nas aquarelas que são de tons mais claros, com a parede da galeria que até então será branca.

Figura 33 – *Planejamento linha*, 2023, fotografia.



Fonte: Acervo Pessoal.

A disposição também foi um questão, entre criar uma linha com fotografia e aquarela correspondente (figura 33) ou criar uma composição em mosaico (figura 34), apesar da ideia de apresentar de forma linear, temos uma limitação de espaço na galeria, assim opto por utilizar da montagem em mosaico fazendo esse jogo com a ordem entre fotografia e aquarela mas ainda mantendo os pares, fotografia e a aquarela que se correspondem.

Figura 34 – Planejamento mosaico, 2023, *fotografia*.



Fonte: Acervo Pessoal.

Participei da organização e montagem da exposição “Trajetórias poéticas, caminhos formativos” na galeria Espaço Incomum/FURG, onde foram expostas as obras oriundas dos trabalhos de conclusão de curso das Artes Visuais. Esse processo formativo trouxe a experiência completa do processo de uma exposição, desde a perspectiva como artista da organização das minhas obras a expografia geral da exposição, participação na montagem e organização das demais obras dos colegas que partiam de linguagens como vídeo até instalação.

No primeiro momento no espaço físico da galeria, pensei em utilizar a parede como suporte onde seriam dispostos meus trabalhos mas visualizando os demais trabalhos de meus colegas e em conjunto com a Janice Appel, coordenadora da galeria, optamos dispor em dois painéis em ângulo que possibilitou um acréscimo a visualidade da obra e incorporando o reflexo que ocorria nos vidros das molduras que versou com o tema da obra (figuras 35-38).

Figura 35 – Exposição “Trajetórias poéticas, caminhos formativos”, 2023, *fotografia*.



Fonte: Bruno Carneiro.

Figura 36 – Exposição “Trajetórias poéticas, caminhos formativos”, 2023, *fotografia*.



Fonte: Bruno Carneiro.

Figura 37 – Exposição “Trajetórias poéticas, caminhos formativos”, 2023, *fotografia*.



Fonte: Bruno Carneiro.

Figura 38 – Exposição “Trajetórias poéticas, caminhos formativos”, 2023, *fotografia*.



Fonte: Bruno Carneiro.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através desta pesquisa, pude perceber a potência do autorretrato como linguagem que potencializa a narrativa de si e a autocontemplação. Além de forma de empoderamento, já que trata de questões de gênero que me afetaram ao longo da vida e sobretudo na construção contínua da identidade através de criações imagéticas.

Todo o tempo da pesquisa a atenção se concentrou na problemática do desconforto diante da câmera gerado por comentários e atitudes por parte da minha figura materna que reforçam padrões de beleza femininos.

O autorretrato me possibilitou me desafiar e me colocar de frente com este desconforto e garantindo algum controle sobre esse sentimento, a cada passo na produção das obras, utilizei meios que me são confortáveis como a aquarela como forma de balancear e torna possível a execução de “Desconforto de Si”.

Dispor-me a esta experiência sensível e vulnerável é o que potencializa o trabalho. Falar sobre si é pensar sobre o lugar que habitamos na sociedade como indivíduo e como as interações em um sistema de padrões impossíveis nos marcam.

## REFERÊNCIAS

ARGAN, G. C. **Arte Moderna**. São Paulo; Companhia das Letras, 1992.

CANTON, K. **Auto-Retrato, Espelho de Artista**. 2002. Tese (Livre Docência em Teoria e Crítica de Artes) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. doi:10.11606/T.27.2019.tde-24052019-154012. Acesso em: 05 jun 2023.

CONN, V. **The Personal is the Political: Artemisia Gentileschi's Revolutionary Self-Portrait as the Allegory of Painting**. Kaleidoscope: Vol. 8, Article 6, 2009. Disponível em: <https://uknowledge.uky.edu/kaleidoscope/vol8/iss1/6>

FERRAZZA, L. A construção do homem moderno: o retrato renascentista. **Estadão**, São Paulo, 19 de mar. de 2020. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/construcao-homem-arte-renascentista/#:~:text=Os%20artistas%20do%20renascimento%20tinham,que%20unisse%20as%20duas%20anteriores.>> Acesso em 28 de jun. 2023.

FERRAZZA, L. Quando a ruga fazia o homem: a arte do retrato na Roma Antiga - **Estado da Arte**. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/quando-a-ruga-fazia-o-homem-a-arte-do-retrato-na-roma-antiga/>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

HARGRAVE, I. Sofonisba Anguissola (1532/38-1625): uma pintora italiana no renascimento espanhol. **Encontro de História da Arte**, Campinas, SP, n. 6, p. 211–219, 2010. DOI: 10.20396/eha.6.2010.3824. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/3824>. Acesso em: 19 nov. 2023.

HELLER, E. **A psicologia das cores : como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Editora Garamond Ltda, 2014.

MEDEIROS, M. **Fotografia e narcisismo: o auto-retrato contemporâneo**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

MELO, Y. S. F. **Autorretrato e o olhar de si**. 2022. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Instituto de Artes, Universidade de Brasília, 2022. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/32194>

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 27. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2012.

PESSOA, H. G. dos R. **Auto - Retrato - o espelho, as coisas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Artes Plásticas) - Escola de Comunicações e Artes, University of São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/D.27.2006.tde-03062009-120522. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-03062009-120522/pt-br.php>. Acesso em: 2023-05-31.

RAUEN, R. M., MOMOLI, D. B. **Imagens de si: O autorretrato como prática de construção da identidade**, Revista Educação, Arte e Inclusão, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 51-73, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/6157>. Acesso em: 10 jul. 2023

SABIÁ, A. P. A fotografia performática de Claude Cahun. **Revista Digital do LAV**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 055–081, 2019. DOI: 10.5902/1983734832200. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/32200>. Acesso em: 18 nov. 2023.

TEIXEIRA, L. Sou, então, pintura: em torno de auto-retratos de Iberê Camargo; **Alea: Estudos Neolatinos**, Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, v. 7, n. 1, p.127, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/i/2005.v7n1/> Acesso em: 18 nov. 2023.

WOLF, N. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. 9. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.